

Aparecido vai comandar filiação de eleitores no DF

Em fevereiro, ele muda a maior parte do seu secretariado e decide se será candidato *eleição*

Sábado, 18 horas: o Palácio do Buriti estava no mais completo silêncio, menos em um lugar — o gabinete do governador José Aparecido, que trabalhava desde as 9 horas da manhã. Às 18h30min, finalmente, José Aparecido sai. “Vou almoçar”, diz ele, “e depois saio correndo para um casamento”. O governador despacha vários assuntos, telefona para seus secretários, conversa com políticos do PMDB de Brasília — “a união vai sair, tenho certeza”, diz ele. O governador faz planos: pensa desde já na mudança do secretariado, com a desincompatibilização, especula sobre seu futuro político, conversa com o presidente José Sarney, seu velho amigo. E ainda tem tempo de despachar para o ministro do Planejamento, João Sayad, um plano para o aumento dos efetivos das Polícias Civil e Militar, e do Corpo de Bombeiros do DF, que estão dimensionados para uma cidade bem menor do que a Brasília de hoje, e com menos problemas. José Aparecido está certo de que a segurança de Brasília depende da ajuda do Governo Federal, para aumentar os efetivos da polícia em mais de 5 mil soldados, até 88.

GIVALDO BARBOSA



O governador José Aparecido passou o sábado no Buriti, despachando

LEONARDO MOTA NETO Da Editoria de Política

O governador José Aparecido de Oliveira afirmou ontem ao **CORREIO** que irá mudar seu secretariado em fevereiro próximo, para adaptar sua administração ao espírito da reforma ministerial que será executada pelo presidente Sarney. Como é da intimidade presidencial, o prazo dado pelo Governador — fevereiro — deverá ser entendido como a época certa para a mudança de ministros.

Não só o Sr. José Aparecido quer a reforma de seu secretariado para o começo do ano político de Brasília, quando pela primeira vez a cidade elegerá representantes no Congresso. Deseja o Governador manter e ampliar o espírito das campanhas democráticas que clamaram por diretas-já, e levaram Tancredo Neves e José Sarney à derrota.

Quero que esse espírito predomine em Brasília, domicílio eleitoral do Presidente da República, sede dos Poderes e marco avançado da nacionalidade.

Emociona-se o Governador quando fala em “abrir tudo quanto posso” à participação política em seu governo. Para ele, a Aliança Democrática deve ser reforçada em Brasília, para que a Capital Federal afirme sua autonomia política e administrativa, dentro dos padrões que marcaram a fase de resistência democrática no País, através das duas campanhas civis — “diretas-já” e eleição da dupla Tancredo-Sarney.

Empolgado, Aparecido fala de sua estratégia: primeiro, mudará o secretariado para adaptar-se ao sentido geral da mudança administrativa do Governo federal, e para liberar as vocações políticas de seu atual quadro de secretários a disputa da primeira eleição em Brasília.

Ele próprio, até 15 de maio, decidirá se deixa o governo do Distrito Federal para se candidatar ao Senado — reclamo de grande parte de seus assessores — para mais tarde voltar ao Palácio do Buriti legitimado pelas urnas, e fortalecido em sua missão de implantar a vida político-partidária na Capital. Mas, por enquanto, essa é apenas uma hipótese que passa pela cabeça do Governador.

Eleições, na verdade, não o assustam:

— Fui cassado, e passei 14 anos fora do Congresso. Elegi-me em 82 com 4 pontos de safena no coração, voltando à Câmara pelo PMDB de Minas.

Determinado, o Sr. Aparecido de Oliveira não enxerga à sua frente obstáculos intransponíveis para ampliar a idéia central que formou a Aliança Democrática.

— O PMDB é hoje uma vertente de todas as tendências que participaram da resistência democrática. É um estuário natural de todas as vontades de mudança que o País vive.

Por isso, o Governador se sente bem à vontade junto a todos os grupos que formam o cadinho do PMDB de Brasília. “Até os empresários que hoje estão no partido são bem-vindos”, diz ele, mencionando o esforço de alistamento eleitoral que será desenvolvido pelas Associações Comerciais das cidades-satélites e no Plano-Piloto.

Esse programa — alistamento de eleitores, e transferência de títulos que migraram de Brasília para regiões próximas — será pessoalmente liderado pelo Governador, para o fortalecimento da legenda. “Vamos buscar votos onde estiverem, e estarei pessoalmente à frente desse trabalho de proselitismo do significado histórico da primeira eleição de Brasília, aquela que definirá o espírito da Capital Federal”.

Essa promessa antecipa que Aparecido possa sair para se candidatar ao Senado. Afinal, do palanque, e não do Palácio do Buriti,

ele poderá comandar a campanha do PMDB sem o constrangimento de estar usando a máquina administrativa do GDF.

— Não vamos fazer cortesias com o chapéu alheio.

Citando o ditado de Minas, o Governador fala de um “projeto total” para Brasília, a ser definido com a eleição de sua primeira bancada, por sorte, para a primeira Constituinte após 46. A oportunidade é preciosa, pois o Distrito Federal poderá ser modelado em sua configuração social, política, administrativa e cultural, e em seu modelo econômico, por uma Constituinte que mudará o destino da sociedade brasileira.

“A proposta à Assembleia Nacional Constituinte será nossa, em vez de não termos o Distrito Federal que muitos gostariam de ter”. Por certo, o Governador se refere à tecnocracia e redutos de pensamento que pelo seu caráter retrógrado gostariam que Brasília permanecesse cidadela abúlica e silenciosa, destinada à contemplação do Poder Central.

O “chapéu” é um símbolo utilizado na campanha do deputado Múcio Athayde, que não tem rezado pela cartilha do Governador.

Aparecido não fala dele, como um “chapéu alheio”. Quer a união geral do PMDB:

— Aliás, se o Congresso votar o projeto partidário, e permitir coligações, não teremos dúvidas em nos somar a todas as correntes que desejem lutar conosco pela permanência do espírito da Aliança e da resistência democrática.

Para a confecção do “projeto total” para Brasília, menciona o Governador o entendimento que já manteve com o reitor da UnB, Cristóvam Buarque, para um debate aprofundado, com técnicos e cientistas políticos, sobre os efeitos que poderão ser gerados em Brasília pela Constituinte. Isso significa utilizar o acervo de pensamento e formulação da UnB para fortalecer os laços da universidade com sua própria comunidade.

O Sr. José Aparecido de Oliveira não teme a “caixa preta” da alma eleitoral de Brasília: é conservada como um mistério que só a abertura das urnas, em novembro, poderá decifrar. O Governador não teme, por que trabalhará.

— Nessa semana mesmo constituirei, junto ao Gabinete Civil, uma comissão especial, interpartidária,

que irá colaborar em toda a extensão com a Justiça Eleitoral, para tornar essa primeira eleição em Brasília um acontecimento modelar, exemplo de prática democrática avançada.

A Comissão Especial de Colaboração com os órgãos da Justiça Eleitoral será presidida pelo Sr. Munir Abagge. Terá como membros: Milton Seligman (Presidente do PMDB regional), Luis Rossi (PT), Raimundo Monte Farias (PRP), Luiz Manzollilo (PSB), Valdemar Pelegriño (PDT) e Alvaro Palm (PFL), tendo ainda como suplentes: Eny Varela (PTB), Celso Batista de Oliveira (PMN), Auzi Mansur (PSC), Carlos Lima Torres (PCB), Paulo Sérgio Cassis (PC do B) e Marinho Aguiar (PDS).

— Todo esse esforço concentrado será para encontrarmos a resposta a essa indagação: Qual é o Distrito Federal que pretendemos?

O governador José Aparecido de Oliveira, nessa entrevista ao **CORREIO** — a primeira que ele concede a um repórter da Editoria de Política do jornal, sai do limbo político em que a cidade o mantinha, e entra para o paraíso da participação eleitoral.